PRÁTICAS DE CULTO DOS ANCESTRAIS NA GUINÉ-BISSAU: O DESTINO DOS MORTOS NA ETNIA MANCANHA.

Ricardo José Sanca
UNILAB

Em Guiné-Bissau, é comum encontrar pessoas que se identificam como praticantes das diversas religiões cristãs, mas que, em algum momento da vida, praticam os rituais religiosos de tradição africana, como por exemplo: "rituais de toca choro", e outros tipos de práticas ritualísticas que são formas de reverenciar e cultuar seus ancestrais. Essas práticas tradicionais acontecem de diferentes maneiras, dependendo de cada grupo etnico-linguístico. Eles costumam sacrificar animais, acreditando que com aquela prática a alma da pessoa morta descansará em paz em outro mundo. Nesse sentido, o presente estudo propõe uma reflexão sobre a perspectiva da morte, na etnia Mancanha, um dos grupos étnicos e linguísticos de Guiné-Bissau. Pretende-se descrever as cerimônias, costumes e processos rituais praticados na tradição deste grupo étnico, cuja prática remontam desde primórdios dos tempos que se perpetuam e são transmitidos de geração em geração. O estudo desenvolvido é baseado em levantamento bibliográfico, e entrevistas semi-estruturadas com universitários da etnia Mancanha, estudantes da UNILAB. Praticamente em todas as tradições culturais africanas, de uma maneira geral, a morte não é o fim de tudo. Sendo assim, quando uma pessoa morre são realizadas cerimonias e rituais que vão lhe acompanhar na entrada em outro mundo, de acordo com a tradição local.

Palavras-Chave: Religião Tradicional; Culto dos Ancestrais; Etnia Mancanha.

Introdução

É comum encontrar pessoas na Guiné-Bissau que se identificam como praticantes das diversas religiões cristãs, mas que, em algum momento da vida, praticam os rituais religiosos de tradição africana, como por exemplo: "rituais de toca choro" e outros tipos de práticas ritualísticas que são formas de reverenciar e cultuar ancestrais.

Essas práticas religiosas acontecem de diferentes maneiras, dependendo de cada grupo étnico, quando costumam sacrificar animais, acreditando que com aquela prática a alma da pessoa morta descansará em paz em outro mundo. Nesse sentido, o presente estudo propõe uma reflexão sobre a perspectiva da morte, na etnia Mancanha, um dos grupos étnicos de Guiné-Bissau.

A Palavra mancanha e o nome dado a uma pessoa e a língua de quem pertence a etnia Macanha, situada no Norte da Guine, portanto na fronteira com Senegal. "Os mancanhas, também estruturados em regulados, representam menos de 4% da população guineense. Embora o seu chão tradicional seja Bula e Có, esta etnia, com forte pendor migratório, encontra-se dispersa pelo país." (PINTO, 2009, p. 36)

Pretende-se descrever as cerimônias, costumes e processos rituais praticados na tradição deste grupo étnico, cujas práticas remontam desde primórdios dos tempos que se

perpetuam e são transmitidos de geração em geração. O estudo desenvolvido é baseado em levantamento bibliográfico, e entrevistas semi-estruturadas com universitários da etnia Mancanha, estudantes da UNILAB. Praticamente em todas as tradições culturais africanas, de uma maneira geral, a morte não é o fim de tudo. Sendo assim, quando uma pessoa morre são realizadas cerimônias e rituais que vão lhe acompanhar na entrada em outro mundo, de acordo com a tradição local.

As questões que irão nortear o estudo são as seguintes:

- Como podemos enfrentar a morte?
- Como é que os mancanhas tratam a questão da morte?

Como podemos encarrar a Situação da Morte?

A morte é algo estranho que entrou no seio da humanidade já a milhões de anos atrás, sendo algo que o homem até então não estava na altura de habituar-se, devido ao sofrimento que sempre trouxe e continua trazendo desde a existência do mundo. No entanto, podemos encontrar em cada cultura uma forma de conviver com a morte, dentro das tradições praticadas nos diferentes grupos socialmente construídos, quer seja étnico, religioso etc.

A religião tradicional praticada por uma grande parte das pessoas na Guiné-Bissau está interligada com a cultura do país ou por que não dizer, representa a cultural local, onde podemos identificar os traços culturais através da música, danças, símbolos, rituais e os costumes. Essa forma de representação cultural é vista em todos os grupos étnicos presentes nos diferentes espaços do território nacional.

De acordo com Bandeira (2010, p. 46), na cultura africana, o morrer com idade avançada e ter um funeral digno, com muita festa, são sinônimos de uma boa morte. A prática de todas as cerimonias e rituais realizados na tradição da religião tradicional na Guiné Bissau, e em particular na etnia Mancanha, são de suma importância na vida das pessoas que fazem parte desse grupo étnico, pois isso serve de alicerce para enfrentar a situação da morte, tendo em vista a ideia de que essa prática possibilita que a alma da pessoa chegue em paz no outro mundo, segundo a crença do grupo.

> A alma encontra-se provida de grandes poderes e pode actuar tanto no sentido do bem como do mal. Ela reage de acordo como seus próximos se relacionam com ela, sendo os seus poderes e as suas vontades conhecidas apenas pelos djambakús (Kriol). (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa 2004, p.8)

Por isso, o maior presente que uma pessoa espera receber dos familiares após a sua morte, na tradição dos Mancanhas, é ser honrada através da realização de todos os tipos de cerimônias existentes naquela tradição, para que ela possa ser bem acolhida pelos seus ancestrais, como se ensina.

Para os mancanhas, se os parentes do morto deixam de realizar uma das etapas dos processos rituais costumeiros, dizem que a pessoa morta fica com raiva e pode voltar ao mundo dos vivos e fazer mal a uma pessoa qualquer da família, o que geralmente eles interpretam em muitos casos de tragédias que acontecem, o que significa para eles um sinal dado ao grupo que pode ser uma doença, acidente ou até a morte de um membro da família.

Normalmente, quando acontece algo dessa natureza a família procura descobrir o motivo da tragédia junto aos sábios, videntes ou é avisada por uma manifestação misteriosa, que para os cristãos é considerado "satânico". Acredita-se que a alma da pessoa morta fica vagando no mundo dos vivos e em qualquer momento pode voltar e fazer mal ao indivíduo desobediente ou outro parente mais chegado. É uma realidade obscura que mesmo para os nativos se torna difícil de explicar, tudo parece que é um mistério. A grande questão que se coloca é, será que os mortos podem voltar e fazer mal aos vivos? Descobrir os segredos dos africanos em geral seria acabar com a cultura desse povo, pois isso é a essência do viver das pessoas que pertencem a esses grupos.

Na tradição acredita-se que os ancestrais vivem ao lado dos vivos como segurança dos seus familiares. Na cultura mancanha apreende-se que a pessoa não pode viver feliz sozinha, mesmo tendo vida ou morte, por isso que se valoriza mais a harmonia e solidariedade entre os vivos, e os vivos com os seus ancestrais.

"Não são os bens que trazem a vida, a cura, a saúde, mas a harmoniosa relação com o eu, com o outro, com o cosmos, com os espíritos dos antepassados, com os parceiros invisíveis e com a transcendência ou com Deus. " (COPOSSA, 2004, p. 82). Tratar a questão da morte na tradição mancanha, não significa exatamente o oposto da vida, ou o fim da vida, mas sim um recomeço para uma nova etapa que está começando. No entanto, pode-se dizer que é uma forma de encarar a vivência, cujo conhecimento extrapola o pensamento ocidental e a ciência moderna.

O momento de enterro é acompanhado de grande choro pelos familiares e amigos até o sepulcro, o que parece para quem presencia o momento como sendo o fim de tudo

para o falecido, porém, em meio ao grande desespero que é visto na vida dos parentes e amigos, ainda dá para perceber, através dos rituais, a crença da imortalidade da alma dentro do grupo.

Para Fonseca (1997, p.50), antes de enterrar o morto são proferidas últimas palavras de oração por um ancião que desempenha o papel do sacerdote:

> Deixamos-te partir, chega em paz. Que os bons espíritos te introduzam e que o Deus supremo te acolha no repouso eterno. Partilhámos as alegrias, as tristezas e as preocupações, eis-te agora diferente de nós, não te esqueças nunca de cuidar de nós e dos nossos filhos. Sabemos que estás vivo e que estás entre nós. Nós também faremos sacrifícios para ti, para pedir a clemência do Muito-Alto, Mestre do Céu, pelos teus erros cometidos no tempo em que estavas conosco.

É uma oração intercessora do ancião que é feita não só pelo descanso do morto no mundo invisível, mas também pela segurança que o ancestral deve dar aos vivos, conforme a tradição.

O culto aos Ancestrais Através de Cerimonias Ritualísticas

O culto aos ancestrais é fundamental nas religiões tradicionais das sociedades africanas.

Para Gaarder et al, (2000, p.93)

> Culto aos antepassados é uma expressão que implica interação entre vivos e os mortos. Os vivos obtêm força e socorro de seus ancestrais; ao mesmo tempo, os mortos dependem das oferendas de seus descendentes: é por meio desses sacrifícios que adquirem sua força e potência.

Essa reciprocidade faz do africano um povo solidário no mundo dos vivos e o mundo dos mortos, com isso, "a religião tradicional africana constitui o fundamento desta relação entre os dois mundos: visível e invisível." (DOMINGOS, 2011, p. 7).

Muitas pessoas praticantes de rituais na religião tradicional africana acreditam que os seus antepassados, através dos espíritos (almas), andam vagueando no mundo de forma invisível, possuem poderes para protegê-los de todos os perigos do mal.

Por isso, em cada grupo étnico na Guiné-Bissau são encontradas diferentes formas de praticar os rituais e costumes. Entretanto, existe similaridade em muitos aspectos que eles oferecem em comum em todas as etnias do país.

Há uma grande dificuldade na realização de pesquisa na sociedade africana em geral, pois é raro encontrar obras disponíveis que abordam esses assuntos, de modo a facilitar os estudos dos pesquisadores, e também permitir que os nativos possam perpetuar

a essência das práticas e diferentes formas ritualísticas, pois o conhecimento é transmitido de pessoas mais velhas para os mais novos, os valores são repassados em cada tempo que passa, sem qualquer documento escrito.

Nas principais cerimônias, o sacrifício de animais para o derramamento de sangue é representado como sendo o transmissor do descanso para os mortos e também serve como algo que apaga as culpas cometidas por falta de cumprimento com um tipo de ritual não praticado, evitando assim o mal que pode vir acontecer na família.

De acordo com esta cultura, o sangue comporta toda uma carga de valores, que evidenciam características positivas, na resolução de qualquer fato ligado a cultura e rituais, fazendo ligação entre o mundo visível e invisível, e que se constituem nos pilares que sustentam a identidade tradicional. O contato com os ancestrais distantes e a identidade construída nesta relação evoca uma ligação de sangue.

Neste sentido, a prática de sacrificar animais representa a continuidade de vida, ao passo que com a indiferença a pessoa deixa de viver debaixo da proteção dos seus ancestrais, ou seja, é a forma que possibilita atuação dos ancestrais em garantir a segurança de viver tranquila sem qualquer tragédia, dando a pessoa uma vida longa, uma crença enraizada na tradição local.

Fonseca, (1997, p.51-53) afirma que Ka-tasa é cerimônia realizada geralmente pelas esposas da pessoa que faleceu um pouco antes da cerimônia de n-guran. Todas as mulheres são obrigadas a realizar essa cerimônia, mesmo para aquela que separou com o marido por qualquer que seja razão não pode fugir de cumprir essa prática, um ritual realizado entre os meses de maio a junho. A comida é feita de arroz com cabalaceira, leite e óleo de palma.

N-guran é um outro tipo de cerimônia que representa o dia de defuntos para os mancanhas, onde todos os parentes que têm um parente falecido costumam se reunir para celebrar o momento com diferentes sessões de programações. É sacrificado um bode no lugar onde a família está reunida, em seguida no período da tarde, como de costume cobrem os ombros do filho consagrado ou iniciado com a pele de animal sacrificado.

O filho, por sua vez, tem de caminhar rumo ao cemitério levando na cabeça um teto como chapéu. Quando chega ao cemitério o filho vai diretamente para o lugar onde fica a cabeça do morto e coloca o teto de palha. [1]

É bom salientar que o não cumprimento a regra que se refere à abstinência sexual, a pessoa é questionada se teve relação sexual no período, antes de sair para o cemitério pelos familiares como forma de prevenir para que ele não chegue ao sepulcro correndo o risco de perder a própria vida.

A cerimônia de *toca choro* é um tipo de ritual praticado como forma de se comunicar com os espíritos dos ancestrais através de toque de um instrumento chamado "bombolom", que é tocado por uma pessoa dotada de poder sobrenatural para fazer essa ligação entre os vivos e mortos, cujo toque só se entende por aqueles considerados possuidores de poder sobre-humano.

A Importância da Família em Sociedade Tribal

Em geral os responsáveis das famílias são mais respeitados. Para os africanos a pessoa que tem muitas esposas e filhos é um bem sucedido na vida, quando morre tem privilégio de ser homenageado com vários tipos de rituais e muitos animais são sacrificados na cerimonia de *toca choro*, principalmente quando tem muitas filhas, pois os maridos das filhas terão que levar vacas para matar como forma de pagamento do dote de casamento.

Falando do papel da família na cultura africana "a família, o grupo social melhor caracterizado, é à base da convivência e da solidariedade africanas, abrangendo pai, mãe, avós, tios, primos, todos os consanguíneos e afins**,** e ainda os consanguíneos dos afins". (REHBEIN, 1985, p.43)

A conjuntura socioeconômica e cultural faz do guineense um povo que desde os tempos remotos tem como os principais valores a solidariedade, cujo o enfoque está firmado no espirito de harmonia entre as pessoas independentemente da classe social.

A vida em comunidade com a preocupação do parentesco dentro de um sistema familiar alargada, onde o choro de um se torna de todos e a festa de um é de todos, e o futuro das pessoas se encontra na responsabilidade de todos. Assim, o pensamento de cada

[1] Teto de palha. Algo feito em forma de uma casinha de palha para ser carregado e levado para o cemitério pela pessoa consagrada no dia de n-guram.

um por si não tem espaço na cultura africana em geral, o que difere da estrutura social vista na cultura ocidental.

A dimensão da família na tradição africana pode ser traduzida nas seguintes palavras:

> A família estendida não está definida, apenas, pelo sangue nem pela linhagem. A tradição cultural Africana considera que todos homens constituem uma única irmandade/humanidade– onde cada homem é membro integrante da família humana estendida. Este constitui o fundamento dos valores da hospitalidade e solidariedade africana, Ujamaa; é o humanismo Africano.

A vida nas comunidades africanas traduz em essência a composição familiar no sentido que é amplamente aceito e reconhecido no contexto socialmente construído a partir dos aspectos culturais e os valores que são imprimidos na vida das pessoas da infância até a fase adulta.

Entrevistas

A entrevista foi realizada com quinze estudantes de diferentes cursos de graduação da Unilab, oriundos da Guiné Bissau, todos do grupo étnico denominado Mancanha, com a intenção de recolher informações necessárias para o desenvolvimento desse estudo.[2] Para a realização da pesquisa foram utilizadas perguntas básicas que orientaram ou possibilitaram a descrição dos rituais da parte dos estudantes, por meio das entrevistas em grupo e individuais conforme a disponibilidade dos entrevistados.

A partir dos relatos e respostas dos entrevistados, levantamos alguns aspectos peculiares àquele grupo.

Apesar da grande influência do Cristianismo e do Islamismo no país, a prática da religião tradicional ainda prevalece principalmente nas comunidades rurais. Assim, a luz do conhecimento da tradição Mancanha, quando uma pessoa morre entre as cerimônias que são realizados, podme-se destacar as principais:

a) “Cargah djongabu” para descobrir o motivo da morte (o que ou quem matou a pessoa). É interessante enfatizar que a morte não é reconhecida como algo natural, sempre há

[2] Agradeço imensamente a todos os estudantes do curso de administração, letras, enfermagem e ciências humanas que disponibilizaram o tempo para participar da pesquisa com toda vontade e desejo de ver a divulgação da cultura a qual eles são originários.

justificativa para esse fenômeno, o que eles dizem que conseguem identificar através das práticas ritualísticas.

b) O filho (a) mais velho (a) e as mulheres em caso do falecimento de um pai da família entram no momento de consagração, onde começa a usar roupa preta, abstinência de relação sexual até o mês de Setembro para os "baula", um grupo da etnia Mancanha localizada no setor de Bula e o mês de Outubro para outro grupo denominado "bau", um outro grupo da etnia Mancanha na localidade de Có, ambos da etnia Mancanha que fazem essa cerimônia para despedir-se do defunto. Essas duas localidades estão situadas no norte da Guiné-Bissau.

c) A cerimônia de *toca choro* é a principal forma de honrar o falecido, onde são sacrificados bois, cabras e porcos, um momento de grande festa e em algumas ocasiões se vê nas manifestações mistura de choro e festa, ao mesmo tempo, devido a recordação da pessoa pelos familiares, principalmente quando é um jovem.

Durante as entrevistas constatou-se a grande dificuldade dos pesquisados em descrever os tipos de cerimônias realizados após a morte de uma pessoa na etnia Mancaha, o que pode ser explicado a partir da fala dos próprios discentes devido à falta de vivência ou contato direto com as práticas ritualísticas, pois a maior parte do grupo vivia na zona urbana onde é raro ver essas práticas, e as pessoas recebem mais a influência da cultura ocidental.

Ao ser questionado sobre o papel dos rituais na vida das pessoas que fazem parte da etnia Mancanha, houveram respostas parecidas com a ilustrada a seguir:

> Acho isso muito importante, porque essas cerimônias feitas mostram, ou seja, mantem a linhagem tradicional da etnia Mancanha... isso, é uma coisa de valorizar e as pessoas normalmente levam isso em consideração. Todos os filhos de Mancanha tem que fazer aquela cerimônia, senão algo de mal acontece com você, isso é que faz isso ter sentido (Relato).

Conclusão

O estudo proposto para descrever de forma sistemática as práticas ritualísticas da etnia mancanha, pode ser visto como uma contribuição através da escrituração das práticas de uma cultura que está se perdendo a originalidade, devido à falta de textos literários.

A preocupação está centralizada no sentido de contribuir de forma simples e esquemática propondo assim a necessidade de divulgar a essência da cultura como forma de representar a identidade cultural e religiosa dos mancanhas.

A tradição cultural africana, de forma geral e em particular da etnia mancanha, é transmitida de geração a geração. Entretanto, essas práticas culturais estão se perdendo ao longo do tempo, em particular nas zonas urbanas. Os jovens estão incorporando cada vez mais costumes europeus e americanos, e também são influenciados pelas crenças de algumas denominações religiosas, e muitos abandonando as práticas e os traços culturais do grupo étnico de origem.

No estudo realizado pode-se notar que os mancanhas acreditam na imortalidade da alma, com isso, procuram fundamentar essa crença com base em diferentes formas ritualísticas praticadas desde os tempos remotos pelos patriarcas, com a finalidade de encarar a situação da morte. Para os Africanos, de uma maneira geral, a morte não é o fim de tudo. Sendo assim, quando uma pessoa morre são realizadas cerimônias e rituais que vão lhe acompanhar na entrada em outro mundo de acordo com a tradição local.

Referencias:

BANDEIRA, Cláudio Luís. **A Morte e o Culto aos Ancestrais nas Religiões Afro-Brasileiras.** SP Último Andar (19), 1-70, 2º Semestre, 2010 – ISSN 1980-8305>acesso em: 17/10/13.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CAPOSSA, Romão F.J**.** ***A doença e a cura entre os Barghwes de Moçambique*****. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana.** Petrópolis: Vozes, n.49-2004/3, 2004.

COSTA, Aparecida Renilda**. Memórias e religiões de matriz africana - ilustrações pontuais a partir da observação empírica.**

DOMINGOS, Luís Tomas. **A Visão Africana em Relação à Natureza.** IN: **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>acesso em: 17/10/13.

EVANS-PRITCHARD, E.E. (Edward Evan). **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 203.
FONSECA, Domingos da. **Os Mancahas**, Guiné-Bissau: Ku Si Mon Editora, 1997.

GAARDER, Jostein et al. **O Livro das Religiões**, São Paulo: Companhias das Letras, 2000, p.93.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa. ***SORONDA***. Revista de estudos guineenses. 2004

PINTO, Paula. ***Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: Uma Perspectiva Interpretativa do Subdesenvolvimento.*** Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23213/2/tesemestpaulapinto000093779.pdf> Acesso em: 11 de Jun. de 2014.

REHBEIN, Franziska. ***As raízes do mundo africano***. In: Candomblé e Salvação, a salvação na religião Nagô à luz da Teologia cristã. São Paulo: Edições Loyola, 1985, p. 43.